ANTÍGONO *VERSUS* EUMENES OU A LUTA PELA SUPREMACIA POLÍTICA NOS PRIMÓRDIOS DA HISTÓRIA HELENÍSTICA, 323-301 A.C.

ANTIGONUS *VERSUS* EUMENES OR THE STRUGGLE FOR SUPREMACY IN EARLY HELLENISTIC HISTORY, 323-301 B.C.

Henrique Modanez de Sant'Anna*

Resumo: Tradicionalmente, os primeiros vinte anos do período helenístico são vistos como um campo de batalha interminável, tendo os Sucessores de Alexandre, o Grande combatido inescrupulosamente pelo poder político. Este artigo procura sistematizar as evidências disponíveis no intuito de mostrar que, ao lado da luta desenfreada entre os Diádocos pelo controle das satrapias houve, por parte de Antígono da Macedônia (*Monophtalmos* ou "o Caolho"), um projeto político (fracassado, no fim das contas) nos primeiros 20 anos de história helenística, o qual objetivava reestruturar o Império e acomodar as tensões da melhor maneira possível. Houve, antes de Antígono, uma primeira reorganização imperial feita sob Perdicas, regente ou quiliarco, e um segundo acordo levado a cabo em Triparadeisos, na Síria, que firmava já razoavelmente a posição dos generais cujos sucessores viriam a se tornar parte das dinastias helenísticas (os Antigônidas na Macedônia e no mundo grego, os Lágidas no Egito e os Selêucidas na Ásia); ambos antecederam (e de certo modo forneceram as bases para) a tentativa de Antígono após a sua vitória sobre Eumenes.

Palavras-chave: Alexandre Magno, mundo helenístico, Diádocos

Abstract: The first twenty years of the Hellenistic period are traditionally understood as an endless battlefield, on which Alexander's Successors (or Diadochi) struggled for supremacy. This article aims to present the available evidences for the subject and show that, aside from all battles fought by the Diadochi for the control of satrapies, there was a political project under Antigonus the "One-Eyed" that aimed to reorganize Macedonian Empire and accommodate political tensions. There were, before Antigonus, an agreement under Perdiccas and another one in Syria, which established what would fast become the Hellenistic dynasties. Both of them anticipate Antigonus' attempt of supremacy after his victory over Eumenes.

Keywords: Alexander the Great, Hellenistic world, Diadochi

* Doutor em História pela Universidade de Brasília (UnB, 2011). Professor Adjunto de História Antiga da Universidade de Brasília (UnB). E-mail: modanez@unb.br

Introdução

A morte de Alexandre na Babilônia em Junho de 323 a.C. inaugurou um novo capítulo na história do mundo antigo: sem ter indicado, ao menos claramente, um sucessor legítimo, o rei macedônio transformou a luta pela sucessão[1], como sugere Diodoro, em seus jogos fúnebres (DIOD.18.1). Antes mesmo de considerarem qualquer projeto político de reorganização imperial, os macedônios tiveram que lidar com mais uma revolta do mundo das *póleis* (a chamada Guerra Lamíaca ou Lamiana, a qual será propositalmente suprimida neste artigo por não integrar os argumentos aqui apresentados) e com a implosão das seções de seu exército, que há pouco deixara de ser "nacional" para se tornar "imperial", algo que poderia prematuramente ter direcionado os eventos rumo à destruição de relativa unidade política em torno da figura do rei. A nossa principal fonte para o assunto, Diodoro da Sicília, nos diz que a infantaria apoiava Arrideu (depois feito rei, apesar de sua "doença mental incurável"; DIOD. 18.1), enquanto os "amigos mais influentes, a Guarda Pessoal e a cavalaria dos Companheiros" haviam decidido enfrentar os falangistas. Meleagro foi o seu escolhido para lidar com o problema, tendo sido enviado à infantaria para exigir submissão às suas ordens. Ele, no entanto, não se sabe o porquê (tampouco que desfecho sua ação teve em termos pessoais), decidiu apoiar os falangistas e marchar contra os que inicialmente o haviam nomeado. Talvez Meleagro tivesse sido convencido pelos argumentos supostamente apresentados pelas falanges, talvez tivesse se impressionado com o seu poderio militar. O silêncio das fontes a esse respeito é imperativo e nós, por essa razão, nunca saberemos o que ocorreu com Meleagro. O que sabemos, contudo, é que "homens mais inclinados à conciliação" foram ouvidos, tendo induzido ambas as partes a um acordo (DIOD. 18.2).

Após a conciliação, a qual teria sido conduzida, para Plutarco, por Eumenes e possivelmente outros além dele (informação radicalmente diferente daquela oferecida por Diodoro), encontramos a primeira tentativa de reorganização imperial. Tendo como objetivo a acomodação das tensões que ameaçavam a unidade política do império, Filipe Arrideu e o filho de Alexandre com Roxana, Alexandre IV, figura curiosamente não mencionada por Diodoro, foram proclamados reis numa espécie de ato simbólico que permitia o equilíbrio político momentâneo pelo apelo à tradição. Crátero, comandante da infantaria, foi proclamado *prostates* (ou "guardião dos reis"), cargo de prestígio entre os macedônios e algo necessário em tempos de tamanha instabilidade. A Antípatro foi concedida a Macedônia; a Lisímaco, a Trácia. Ptolomeu ficou com o Egito; Antígono, com a Panfília, Lícia e a

[1] O tema Alexandre Magno conta com uma bibliografia quase infinita. Boas sínteses são encontradas em: LANE FOX (1974); GREEN (1992) e SANT'ANNA (2011). Para o mundo helenístico, cf. principalmente WALBANK (1981), SHIPLEY (2000) e GREEN (2008).

Grande Frígia. Pérdicas assumiu o poder supremo como regente e, portanto, toda a cena política nos dois primeiros anos de história helenística gravita em torno de sua figura. O assassínio do regente alguns anos mais tarde, em 321/320 a.C., portanto, instaura a necessidade de um novo acordo; desta vez, os Diádocos se reuniram em Triparadeisos, na Síria, e acertaram novas diretrizes políticas (WALBANK, 1981, p. 48; SHIPLEY, 2000, p. 44).

De maneira geral, o quadro político não se mostrou radicalmente diferente. À exceção da mudança na figura central na Macedônia, ainda responsável pela distribuição das satrapias, temos de certo modo uma confirmação do que antes fora acordado e a consolidação preliminar do que seria o cenário dinástico helenístico. Ptolomeu continuava com o Egito, pois ele o havia assegurado "por virtude de sua coragem, como se fosse um prêmio de guerra". A Seleuco foi dada a Babilônia e a Lícia e a Grande Frígia continuavam sob a autoridade de Antígono, exatamente como antes. Talvez a única modificação drástica (para o que nos interessa aqui) tenha sido a nomeação de Antígono como general do exército Real, incumbido de finalizar os assuntos com Eumenes e Alcetas (cf. *infra*). A Antígono, contudo, Antípatro vinculou seu filho, Cassandro, para evitar que o primeiro fosse atrás de suas ambições pessoais (DIOD. 18.39).

Chegamos com isso concretamente à figura de Antígono *Monophtalmos*[2], cujas ações até a tomada de Chipre por Demétrio *Poliorcetes*, seu filho, são de fundamental importância para a compreensão das razões pelas quais podemos considerar a sua ascensão e *basileia* como as principais responsáveis pelo desequilíbrio da segunda reestruturação imperial, ao mesmo tempo em que representavam uma tentativa "legítima" de sucessão e, portanto, algo no mesmo direcionamento do acordo de Triparadeisos.

Antígono *versus* Eumenes

A primeira fase do projeto de Antígono, quando ele ainda não "aspirava às grandes coisas", como diria Diodoro (DIOD. 18.41; cf. *infra*), se limitou ao embate com Eumenes de Cárdia[3]. Em seu primeiro confronto com Eumenes, Antígono, utilizando-se de um estratagema, abriu mão, inicialmente, de uma decisão travada ao modelo alexandrino e decidiu subornar certo Apolonides, comandante da cavalaria de Eumenes, fazendo com que ele se tornasse um traidor e desertasse em meio à batalha (DIOD. 18.40).

Nesta ocasião, entretanto, notamos uma situação paradoxal quanto ao comportamento do comandante helenístico. Em situações anteriores, particularmente aquelas que precederam o seu embate com Antígono, Eu-

[2] Sobre Antígono, a referência mais completa é ainda BILLOWS (1995).

[3] Cf. síntese apresentada por SHIPLEY (2000), ainda que ele não apresente a carreira de Eumenes em tantos detalhes, e ANSON (2004).

menes optou por incorporar as tropas inimigas, ainda que sem sucesso, ao invés de prosseguir com a manobra de envolvimento e aniquilamento de boa parte do exército de Crátero. Um ano depois, em 320 a.C., Antígono, após ter subornado o comandante de cavalaria de Eumenes, tendo a infantaria em suas mãos, optou por concluir a manobra e aniquilar cerca de 8.000 inimigos. Nas palavras de Diodoro:

> Quando a batalha se tornou violenta e Apolonides desertou inesperadamente com sua cavalaria, Antígono ganhou o dia e aniquilou cerca de 8.000 inimigos. Ele também se apoderou de todo o suprimento, de modo que os soldados de Eumenes ficaram abatidos pela derrota e sem esperança devido à perda de seus suprimentos (DIOD. 18.40).

Em momento algum Diodoro menciona o interesse de Antígono em incorporar as tropas de Eumenes durante a batalha, com exceção da cavalaria a qual havia previamente subornado. No entanto, logo após relatar o refúgio do comandante grego num forte armênio, o que lhe foi garantido por uma aliança com os nativos, o historiador siciliano faz referência à contratação, por parte de Antígono, dos homens os quais haviam servido Eumenes. Seguindo o exemplo anterior, a compreensão da guerra como ofício serviu de parâmetro para a composição de grandes exércitos, o trampolim a partir do qual generais aspiravam às grandes coisas, exatamente como no caso de Antígono. Ao tornar-se senhor de todas as posses que antes pertenciam a Eumenes, das quais se destacava o grande exército, as ambições políticas de Antígono ganharam nova face:

> No momento em que Antígono tomou para si a força militar de Eumenes, tornou-se senhor das suas satrapias e das suas propriedades, levantou grande soma de dinheiro e aspirou às grandes coisas. Nenhum comandante em toda a Ásia possuía força militar suficiente para lutar pela supremacia (DIOD. 18.41).

O comando de um grande exército era, sem dúvida, o motor da *basileia* e um dos maiores estímulos à realização de campanhas militares e conquista de territórios.

A incorporação das tropas não era, contudo, o único objetivo dos generais cujo pensamento encontrava-se marcado pela condição mercenária[4]. Historiadores também entravam no jogo, mesmo que tivessem servido num primeiro momento ao seu inimigo. Note-se, por exemplo, na esteira do contexto em destaque, que Antígono irá contratar os serviços de Hierônimo, o historiador, logo após a vitória sobre Eumenes na Capadócia, tendo em

[4] Sobre serviço mercenário grego, cf. PARKE (1933), GRIFFITH (1935) e TRUNDLE (2004).

seguida o enviado como mensageiro a Eumenes, exortando o último a esquecer a derradeira batalha e a se tornar seu amigo e aliado (DIOD. 18.50; HORNBLOWER, 1981, p. 11-17).

Com a mudança na política externa adotada por Antígono, levada a cabo a partir da aquisição dos espólios provenientes da vitória sobre Eumenes, o general macedônico tratou de ir ao encontro de Alcetas, irmão de Perdicas, destruindo-o completamente. Segundo Diodoro (DIOD. 18.44), Antígono liderou 6.000 cavaleiros numa carga violenta contra a falange inimiga no intuito de cortar a linha de retirada de Alcetas. Em seguida, os elefantes foram enviados frontalmente contra a falange, ao mesmo tempo em que os cavaleiros envolveram o inimigo por todos os lados, tendo a infantaria permanecido somente como força de apoio.

Diodoro não nos informa sobre a proveniência étnica da cavalaria de Antígono, mas note que há pouco ele contava com 2.000 cavaleiros e rapidamente passou para cerca de 6.000, um forte indício de que a renovação de suas forças montadas foi liderada por capadócios. Em primeiro lugar, talvez esta seja a constatação mais óbvia, mas ainda assim digna de ser mencionada, Antígono marchou com sua força militar da Capadócia para a Pisídia.

Em segundo lugar, sua cavalaria triplicou desde o momento anterior à batalha contra Eumenes, ocorrida havia menos de um ano. Uma vez na Capadócia, dado o curto tempo para a ampliação das suas forças montadas e a disponibilidade de recrutamento de cavaleiros pesadamente armados na região, outra explicação não parece possível.

Logo após a vitória sobre Alcetas, Antígono obteve a rendição de todo o resto do exército inimigo por negociação e o alistou em suas próprias fileiras (DIOD. 18.45), agregando considerável força ao seu poderio bélico.

Ainda que a manobra de envolvimento fosse, como neste caso, realizada até o momento em que o inimigo batesse desesperadamente em retirada, a porção do exército que pudesse ser submetida com vida e incorporada por negociação era sempre bem recebida, além de se mostrar crucial na estruturação de trajetórias políticas pautadas na conquista militar.

Na seqüência dos acontecimentos (DIOD. 19.13), Eumenes, já na Ásia Menor, enviou cartas aos sátrapas do norte, solicitando o seu apoio em nome dos reis. Basicamente, as duas partes deveriam se encontrar em Susa, mas Fíton, a esta altura sátrapa da Média, obteve também o controle das satrapias do norte, ordenando a morte de Filotas e substituindo o mesmo por Eudamus, seu irmão. Após travar batalha com o exército dos sátrapas do sul, Fíton concentrou seu exército num só lugar, aguardando o apoio de Seleuco, motivo pelo qual Eumenes encontrou todas as tropas reunidas quando da sua chegada a Susianê.

De acordo com Diodoro (DIOD. 19.14), as tropas que se juntaram a Eumenes foram: (1) 10.000 arqueiros e fundibulários persas, 3.000 *pantoda-*

poi armados como macedônios, 600 cavaleiros gregos e trácios, e mais de 400 cavaleiros persas, todos vindos sob comando de Peucestes, um dos antigos soldados da elite de Alexandre; (2) 1.500 *pezoi* e 700 cavaleiros, liderados por Tlepolemo, o macedônio, feito sátrapa da Carmânia; (3) 1.000 *pezoi* e 610 cavaleiros, trazidos por Sibírtio, comandante da Aracósia; (4) 1.200 *pezoi* e 400 cavaleiros, despachados por Oxiartes; (5) 1.500 *pezoi* e 1.000 cavaleiros, vindos com Estasandro; e (6) 500 cavaleiros, 300 *pezoi* e 120 elefantes, todos trazidos por Eudamos. Somados a estes 18.500 soldados de infantaria e 4.210 cavaleiros, Geer[5] lembra que devemos acrescentar as forças trazidas por Anfímaco da Mesopotâmia, apresentado na batalha de Gabienê (DIOD. 19.27) com seus 600 cavaleiros e talvez alguma infantaria não mencionada.

Antígono, em contrapartida, recebeu tropas de Seleuco e Fíton, nomeando Seleuco sátrapa de Susa e ordenando que este conquistasse a cidade, já que Xenófilo, o tesoureiro, se recusava a aceitar suas ordens (DIOD. 19.18). Ao cruzar a Média por um caminho alternativo àquele que havia sido bloqueado por Eumenes, Antígono ordenou a Fíton que recrutasse quantos cavaleiros e cavalos de guerra fosse possível, assim como animais de carga. Ao retornar de sua missão com cerca de 2.000 cavaleiros, 1.000 cavalos, 500 talentos do tesouro real e uma quantia de mulas suficientes para todo o exército (DIOD. 19.20), Fíton deu a Antígono a chance de reerguer o moral das tropas, além de reforçar consideravelmente a cavalaria de seu exército. No total, Antígono contava com 28.000 *pezoi*, 8.000 cavaleiros e 65 elefantes.

Após o desentendimento entre Eumenes, apoiado por Antígenes, e os sátrapas, ansiosos para retornar aos seus assuntos pessoais (DIOD. 19.21), o general grego optou por atender às vontades dos sátrapas, temendo perder seu valioso apoio. Após dias de marcha rumo a Persépolis, ambos os exércitos inimigos acamparam a curta distância e iniciaram os preparativos para a batalha. Antígono, entretanto, procurou subornar parte das tropas inimigas, como nos relata Diodoro:

> No quinto dia Antígono enviou mensageiros aos sátrapas e aos macedônios, instigando-os a não obedecer Eumenes e a confiar apenas no próprio Antígono. Disse aos sátrapas que permitiria a manutenção de suas próprias satrapias e aos macedônios que daria uma grande extensão de terra a alguns, que enviaria os outros de volta para casa com honra e presentes, e que designaria postos àqueles que desejassem servir em seu exército (DIOD. 19.25).

Tendo fracassado em sua tentativa de incorporação das tropas inimigas antes mesmo da batalha, Antígono findou por enfrentar Eumenes numa ocasião decisiva, conhecida como batalha de Paraitacene (317 a.C.).

[5] Russel M. Geer, tradutor de Diodoro na edição da LOEB, p. 269.

Iniciada a batalha, vendo que sua ala direita estava sendo esmagada pelos cavaleiros arqueiros de Antígono (graças às táticas de círculo, cujo objetivo era o ataque aos flancos pelo uso dos arcos), Eumenes ordenou o apoio de sua ala esquerda, comandada por Eudamos. Após o movimento de flanqueamento, executado por soldados ligeiros e pela parte mais levemente armada de sua cavalaria, conseguiu derrotar a ala direita de Antígono, comandada por Fíton.

Em seguida, após considerável tempo de combate entre as falanges, os homens de Eumenes venceram devido à experiência dos *argyraspides*, de modo que muitos dos oficiais de Antígono, após a derrota de sua ala esquerda e de toda a sua falange, aconselharam a batida em retirada. Antígono, no entanto, ao ver que a infantaria inimiga havia avançado vitoriosamente em direção à sua, no intuito de persegui-la até próximo aos montes, e que a ala de Eudamo não esperava por um ataque, desferiu um violento golpe contra a ala esquerda de seu inimigo, recobrando com isso o moral e as condições combativas de sua infantaria aparentemente derrotada. Assim nos relata Diodoro:

> Uma vez que seu ataque foi inesperado, ele [Antígono] rapidamente derrotou aqueles que o enfrentaram, destruindo muitos deles. Então, enviou os mais rápidos de seus cavaleiros e por meio deles reuniu os soldados que haviam batido em retirada, alinhando-os mais uma vez ao pé dos montes (DIOD. 19.30).

Como os soldados encontravam-se todos exaustos, a batalha prosseguiu durante o tempo necessário para a certeza de sua indefinição. Embora o resultado não tenha sido claro, Antígono usou de sua legitimidade como comandante e forçou acampamento próximo a batalha, relativamente distante das bagagens. O motivo para este ato era simples: para os gregos, aquele que detinha o controle dos ritos fúnebres assim que encerrada a peleja, possuía o direito de declarar-se vitorioso (DIOD. 19.31).

Em seguida, Eumenes dirigiu suas tropas para Gabenê, com excelentes condições de abastecimento (DIOD. 19.34), enquanto Antígono conduziu seu exército através do deserto próximo a Gadamala (DIOD. 19.37). Alguns dias após o ataque parcialmente frustrado aos elefantes de Eumenes, atrasados se comparados ao restante das tropas, ambos os exércitos fizeram frente um ao outro, em Gabenê.

Tendo disposto seus homens da maneira que consideravam mais eficiente, os generais deram início ao confronto, sendo que Antígono e Demétrio, posicionados na ala direita, desferiram um ataque à cavalaria de Eumenes, que a esta altura lhes fazia frente. Antes do embate, entretanto, Peucestes, sátrapa da Pérsia, esquivou-se da batalha e deixou Eumenes somente com parte de sua cavalaria (DIOD. 19.42). Por conseqüência, Eumenes não suportou o choque com a cavalaria inimiga, a qual rodeou o corpo

de infantaria e investiu contra a cavalaria na outra ala, completando um semicírculo pela retaguarda inimiga.

Embora as manobras acima detalhadas tenham sido de grande importância no desenrolar da batalha, a participação crucial se deu com os tarentinos e medos, enviados com a missão de capturar os suprimentos inimigos, aproveitando-se da pouca visibilidade provocada pela poeira do terreno. A partir deste movimento, Eumenes, parcialmente derrotado, se viu forçado a recuar e contra atacar a investida sorrateira dos tarentinos e medos, enquanto Antígono soube aproveitar o momento de vulnerabilidade dos *arguraspides*, sem a proteção dos flancos, e ordenou a investida da cavalaria de Fíton (DIOD. 19.43).

Os resultados da batalha não foram nada agradáveis para os homens de Eumenes, que tiveram seus suprimentos, filhos, mulheres e muitos outros parentes capturados pelo inimigo. Com isso, Antígono exterminou completamente o espírito combativo dos macedônios, induzindo um comportamento tipicamente helenístico: no lugar do extermínio dos reféns e inimigos derrotados (mas preservados em suas habilidades de combate), o general optou por alistá-los:

> [...] os macedônios secretamente iniciaram negociações com Antígono, capturando e entregando Eumenes, recobrando seus suprimentos, e após receberem promessas alistaram-se no exército acampado (DIOD. 19.43).

Plutarco, em sua *Vida de Eumenes*, nos apresenta uma versão mais teatralizada, na medida em que se focou na personalidade do general grego:

> Com efeito, conservara o sangue-frio e soubera tirar proveito do terreno: era uma planície imensa, de terra solta e não-compacta, composta por uma substância arenosa e salina que, revolvida no mais aceso do combate pelo tropel de tantos milhares de cavalos e homens, subia em nuvens de poeira semelhante à cal; o ar esbranquiçado obscurecia a vista. Antígono aproveitou-se disso para escapar mais facilmente aos olhares e apropriar-se da bagagem do inimigo. Terminado o combate, Teutamo despachou imediatamente uma delegação para negociar com os soldados e ser-lhes benevolente em tudo o mais caso lhe entregassem Eumenes. Os soldados tomaram então a decisão odiosa de conduzi-lo vivo às mãos do inimigo. [...] Quando Antígono enviou Nicanor para receber o prisioneiro, Eumenes, passando através das linhas dos macedônios, pediu para falar-lhes [...]. Enquanto Eumenes falava, a maioria dos soldados gemia e lamentava. Os soldados em questão, porém, gritavam que fosse levado sem mais proferir baboseiras: "O que é grave", rugiam eles, "não é que um maldito quersonésio tenha de arrepender-se por haver extenuado os macedônios em guerras infindáveis; grave, é, isto sim, que os melhores soldados de Alexandre e de Filipe, depois de tantas canseiras,

> sejam privados na velhice do prêmio de seus combates e precisem mendigar pão enquanto suas mulheres, há três noites já, dormem com os inimigos". (PLUT. *Eum*. 17-18)

Agora que Antígono havia se tornado o mais poderoso dos Diádocos, os seus rivais passaram a temer a consolidação de seu poder supremo, abalado apenas por pequenas revoltas locais, como a insurreição fracassada liderada por Fíton, na Média (DIOD. 19.46-48).

Encerrada as operações de Cassandro no Peloponeso e após a fuga de Seleuco para o Egito (DIOD. 19.53 e DIOD. 19.54, respectivamente; BOSWORTH, 2002, pp. 210-245), a resposta imediata à transformação no cenário político helenístico, causada pela emergência de Antígono como autoridade predominante na liderança dos exércitos, se deu com a aliança de Ptolomeu, Seleuco, Cassandro e Lisímaco.

Assim que chegou ao Egito, Seleuco tratou de convencer Ptolomeu do risco que era deixar Antígono ampliar suas forças, sua arrogância e suas ambições ao trono macedônico (DIOD. 19.56). Seleuco não somente conseguiu estabelecer uma aliança com o senhor do Egito, mas também alguns de seus amigos obtiveram sucesso na cooptação de Cassandro e Lisímaco. Com isso, após recusar a abordagem diplomática de Antígono, que enviou mensageiros com o intuito de reforçar sua amizade com os generais macedônicos em época de crise, Ptolomeu, Lisímaco e Cassandro exigiram de Antígono (1) a entrega da Capadócia e da Lícia a Cassandro, (2) da Frígia a Lisímaco, (3) de toda a Síria a Ptolomeu e (4) da Babilônia a Seleuco, sem mencionar a partilha dos tesouros conquistados com a vitória sobre Eumenes (DIOD. 19.57).

Daí por diante, uma série de embates subseqüentes à formalização do desentendimento dos Diádocos dominará a cena política pelos próximos 15 anos, e uma narrativa de todos os pormenores do conflito não seria eficaz na apresentação dos argumentos que estou a desenvolver neste artigo. Portanto, tratarei da coroação dos Diádocos, ocorrida em 306 a.C. e da batalha de Ipso, por ser suficientemente documentada[6] (se levarmos em consideração que as demais batalhas nos chegaram apenas em pouquíssimos detalhes) e possibilitar interpretações razoavelmente seguras sobre o desfecho político escolhido como fim deste artigo.

A coroação dos Diádocos

Em 307 a.C., Demétrio *Poliorcetes* obteve, em Chipre, uma importante vitória militar sobre Ptolomeu. Antes dele, havia já derrotado Menelau, irmão do governante do Egito. Agora, tendo derrotado um dos mais importantes Diádocos, podia aspirar às grandes empreitadas. A importância da vitória na ilha não se restringia, contudo, a ela; não apenas Chipre e a Síria

[6] A principal fonte é Plut. Dem. 28-30, que provavelmente seguiu Hierônimo de Cárdia.

seriam o prêmio imediato da vitória, mas especialmente o poder supremo. Por essa razão, em 307/306 a.C., Antígono e Demétrio foram saudados pela multidão com o título de reis (PLUT. *Dem*. 15-18). Diodoro nos diz que Antígono, "animado pela magnitude da fortuna, assumiu o diadema e se acostumou ao estilo dos reis", tendo estendido o privilégio a Demétrio. Após isto, Ptolomeu, "cujo espírito não se havia abalado apesar da derrota", Seleuco, Lísimaco e Cassandro fizeram o mesmo (DIOD. 20.53). A grande diferença entre os relatos disponíveis está no ponto de partida da coroação: em Plutarco, ela parte das multidões ou do povo ligado ao território de responsabilidade do general; em Diodoro, surge espontaneamente dos Diádocos. De qualquer forma, a realeza passava abertamente a ser, ao menos num primeiro momento, autoproclamada e dependente da conquista militar.

Gruen (1985, p. 256) e Chaniotis (2005, p.57) notaram o que podemos chamar de inversão da lógica hereditária na disposição da monarquia helenística: se Alexandre Magno reivindicou seu direito ao trono como direito de sangue, seus generais, de Antígono a Cassandro, adotaram o título de rei baseados unicamente em suas conquistas militares, isto é, fundamentados pelo princípio da *doriktetos chora* (BOSWORTH, 2002, p. 246-278).

Há dois documentos importantes que tratam deste fundamento do poder real helenístico. O primeiro deles pertence à compilação bizantina *Suda*, particularmente a definição de monarquia. Seguindo a tradução feita por Austin:

> Ascendência (natureza) e legitimidade (justiça) não dão reinos aos homens, mas sim a habilidade em comandar um exército e em lidar com os problemas de modo competente. Este era o caso de Filipe e dos Sucessores de Alexandre. O filho biológico de Alexandre não foi de modo algum ajudado pela consangüinidade, devido a sua fraqueza de espírito, enquanto aqueles que não tinham ligação alguma com Alexandre tornaram-se reis de quase todo o mundo conhecido (AUSTIN, 2008, p. 45).

Do mesmo modo, em resposta à proclamação de Demétrio como *basileu* por seu pai (PLUT. *Dem*. 18), previamente feito rei por seus amigos, os seguidores de Ptolomeu I o igualaram aos dois primeiros em título, na tentativa de dispersar a impressão de que sua derrota havia abalado também o seu poder. Plutarco (*Dem*. 18) acrescenta, ainda, que tal prática não significava meramente a mudança de nome e aparência, mas removia o espírito dos homens e ampliava suas ambições; cabe acrescentar, ambições militares. Tanto a coroação de Antígono quanto a resposta de Ptolomeu à extensão do poder monárquico a Demétrio foram claramente baseadas em conquistas militares. Assim, o convite à conquista militar, em maior ou menor escala, era um dos traços da *basileia* de tipo helenístico, assim como a base a partir da qual toda a sua estrutura fora erigida.

Plutarco, em sua *Vida de Pirro*, é categórico a esse respeito, ao apresentar um suposto diálogo entre o rei helenístico e seu diplomata favorito, durante o qual lista os planos do rei quanto ao território italiano:

> "Contam-nos, Pirro, que os romanos são valentes soldados, senhores de inúmeros povos belicosos. Se a divindade nos permitir vencê-los, que faremos de nossa vitória?" "A resposta à tua pergunta salta aos olhos", replicou Pirro. "Caso os romanos sejam vencidos, não haverá por lá nenhuma cidade bárbara ou grega capaz de resistir e prontamente seremos donos de toda a Itália, da qual ninguém melhor que tu conhece a extensão, o valor e o poderio." Depois de alguns instantes de silêncio, Cinéias prosseguiu: "E quando formos donos da Itália, ó rei, o que faremos?" Pirro, que ainda não percebera aonde ele queria chegar, explicou: "Bem perto da Itália, a Sicília estende-nos os braços. É uma ilha rica, populosa e muito fácil de conquistar, dado que atualmente só reina ali a sedição, a anarquia nas cidades e a excitação demagógica, desde que Agátocles[7] morreu". "O que estás dizendo é verossímil", disse Cinéias, "mas a tomada da Sicília assinalaria o término de nossa expedição?" e Pirro: "Se um deus nos conceder a vitória, teremos aí um prelúdio de grandes empresas. Quem nos impedirá de lançar mão da Líbia e de Cartago, que estariam a nosso alcance, se Agátocles, escapando de Siracusa e cruzando o mar com um punhado de navios, quase se apossou delas? E realizadas tais conquistas, nenhum dos inimigos que presentemente nos desafiam poderá resistir-nos. Haverá algo a opor a isso?" "Nada", retrucou Cinéias, "pois é evidente que com semelhantes forças serás capaz de recuperar a Macedônia e dominar a Grécia." (PLUT. *Pyrrh*. 14)

Diferentemente da Macedônia de Filipe e Alexandre, o exército não era mais a única fonte de confirmação do poder real, do mesmo modo que a monarquia havia atingido proporções diferentes daquelas do tempo da batalha de Queronéia. Contudo, o exército continuou a ser o instrumento pelo qual os monarcas construíam o direito ao uso do diadema, estando as funções de comando cada vez mais ligadas à liderança de hordas inteiras de mercenários, recrutados das mais variadas regiões do mundo e didaticamente enquadrados nos dois tipos apresentados neste artigo.

A batalha de Ipso

De acordo com Plutarco (*Dem*. 28), Demétrio contava com mais de 70.000 soldados de infantaria, 10.000 cavaleiros e 75 elefantes, enquanto seus adversários haviam trazido cerca de 65.000 soldados de infantaria, 10.500 cavaleiros, 120 carros de guerra e 400 elefantes.

[7] Para Agátocles, cf. principalmente MEISTER (1984), CONSOLO LANGHER (2000) e ZAMBON (2008).

Tão logo os exércitos iniciaram a peleja, Demétrio avançou em direção a Antíoco, filho de Ptolomeu, e, ao derrotá-lo facilmente e iniciar uma perseguição para longe do campo de batalha, levou consigo a melhor e maior porção da cavalaria do exército de Antígono. Ao observar que a falange inimiga estava desprotegida num dos flancos, Seleuco "os manteve em medo de ataque", rodeando os inimigos em ato ameaçador, fazendo com que muitos deles viessem a ele por sua própria vontade e com que os demais batessem em retirada (PLUT. *Dem*. 29). Por fim, enquanto Antígono aguardava pelo retorno de seu filho, impossibilitado de voltar ao combate devido ao avanço frontal dos elefantes inimigos (contra os 75 elefantes de Antígono e, em seguida, contra a própria infantaria do rei), sendo esta uma manobra que lançava os paquidermes no caminho de Demétrio, uma saraivada de projéteis o atingiu, pondo fim a sua vida.

Demétrio ainda tentou, com seus 5.000 soldados de infantaria e 4.000 cavaleiros restantes da batalha, resistir em Atenas, onde possuía embarcações e recursos diversos, mas no caminho fora avisado por um mensageiro de que os cidadãos de Atenas decidiram não receber nenhum dos reis.

A batalha de Ipso provavelmente representou uma tentativa de transformação das funções da cavalaria, algo inédito na guerra helenística. Certamente por influência da guerra encaminhada na porção mais oriental do império, Seleuco tentou fazer com que os elefantes desferissem o ataque principal, enquanto a cavalaria comandada por seu filho Antíoco forçava uma retirada de Demétrio. Mas quais seriam, no confronto que pôs fim à hegemonia de Antígono, as vantagens conferidas a Seleuco pelo uso dos elefantes?

A primeira delas estava fixada pelo número de elefantes (400 no total, contra apenas 75 de Antígono). Seleuco, sabendo disso, os fez avançar frontalmente contra o corpo principal do exército antigônida, provavelmente ordenando que seu filho, Antíoco, batesse em retirada e levasse consigo a maior e melhor parte da cavalaria inimiga, sob o comando de Demétrio. Ainda que Plutarco não mencione tal manobra por parte de Antíoco, afirmando, pelo contrário, que as tropas montadas antigônidas o haviam derrotado, não parece provável que a cavalaria de Seleuco fugiria do campo de batalha tão rapidamente ou que Demétrio a perseguiria até a batalha ser encerrada (a menos que a fuga de Antíoco fosse parte de um plano).

Tarn (1930, p. 69) argumentou sobre esta possibilidade na década de 1930, salientando que, iniciada a perseguição da cavalaria de Seleuco, se Demétrio desistisse cedo demais, a cavalaria inimiga poderia simplesmente retornar e atacar sua retaguarda; mas, por outro lado, se a perseguição levasse muito tempo, a batalha central se tornaria, definitivamente, um palco imaginário. Aceita esta hipótese, conclui-se que Seleuco pôde desferir seu ataque principal com os elefantes ao centro e com a cavalaria na ala inimi-

ga desprotegida, enquanto Demétrio ficou impossibilitado de dar qualquer suporte a Antígono, devido ao sucesso da possível manobra de Antíoco, uma vez que o avanço dos elefantes havia inviabilizado o caminho para as operações de auxílio.

Considerações finais

Em suma, a figura de Antígono pode ser considerada central nos primeiros vinte anos de história helenística, queira o historiador se concentrar nas carreiras individuais dos generais que sucederam Alexandre ou nos acordos políticos firmados com o objetivo de reestruturar o império. Além de Antígono e dos demais Diádocos, houve também comandantes menores vagamente mencionados nas fontes e com função política considerável, a exemplo de Eupolemo, o macedônio, cuja participação no governo da Cária como dinasta em 310 não pode ser menosprezada (DIOD. 19.69; AUSTIN, 2008, p. 33; SHIPLEY, 2002, p. 46). Mas a maior parte desses comandantes se encontrava sob a autoridade de generais cuja influência se estendia por territórios mais amplos, como Seleuco, Ptolomeu, Lisímaco e Antígono. Nenhum general, contudo, esteve tão perto de reunificar os territórios num só como Antígono, por ocasião de sua vitória sobre Eumenes e dos sucessos momentâneos de seu filho Demétrio em Chipre. Talvez por isso se achasse na condição de se autoproclamar rei, tenha sido ele aclamado pela multidão, como sugere Plutarco, ou simplesmente concebido um poder régio possível com o aumento de seu poderio, como indica Diodoro. De um jeito ou de outro, Antígono não se apoiou no passado, em convenções pré-estabelecidas, tampouco reclamou direito ao trono por ascendência; ele não o fez por meio da tradição.

Antígono estabeleceu um precedente em vez de seguir um (GRUEN, 1985, p.257). Em relação à política de reestruturação, as duas tentativas fracassadas (a primeira sob Perdicas e a segunda sob Antípatro, iniciada em Triparadeisos) forneceram as bases necessárias para Antígono pensar numa reunificação dos territórios imperiais sob sua autoridade. Em suma, da mesma forma que Alexandre, ele se tornaria rei dos territórios imperiais por direito de conquista, ainda não que não tenha sido, diferentemente do primeiro, rei dos macedônios antes da destruição do Império Persa. Por fim, resta dizer que o estudo cuidadoso das evidências para Antígono (da natureza de seu poder à sua luta contra Eumenes) permite a compreensão dos primeiros vinte anos de história helenística a partir de algo que em princípio pode parecer confuso e capaz de mostrar generais unicamente preocupados com a partilha de uma unidade territorial perdida desde o início.

Referências

Fontes

DIODORO DA SICÍLIA. **Biblioteca Histórica**. Tradução de Russel Geer e Francis Walton. Cambridge, MA/London: Harvard University Press, 2006.

PLUTARCO. "Vida de Eumenes". In: PLUTARCO. **Vidas Paralelas** (vol.3). Tradução de Gilson César Cardoso. São Paulo: Paumape, 1991.

PLUTARCO. "Vida de Pirro". In: PLUTARCO. **Vidas Paralelas** (vol.3). Tradução de Gilson César Cardoso. São Paulo: Paumape, 1991.

PLUTARCO. "Vida de Demétrio". In: PLUTARCO. **Vidas Paralelas** (vol.5). Tradução de Gilson César Cardoso. São Paulo: Paumape, 1992.

Bibliografia

ANSON, Edward. **Eumenes of Cardia: A Greek among Macedonians**. Amsterdam: Brill, 2004.

AUSTIN, Michel. **The Hellenistic World from Alexander to the Roman Conquest: A Selection of Ancient Sources in Translation**. Cambridge MA: Cambridge University Press: 2008.

BILLOWS, Richard. **Kings and Colonists: Aspects of Macedonian Imperialism**. Leiden/New York/Köln: Brill, 1995.

BOSWORTH, A.B. **The Legacy of Alexander: Politics, Warfare and Propaganda under the Successors**. The Oxford: Oxford University Press, 2002.

CHANIOTIS, Angelos. **War in the Hellenistic World**. Malden; Oxford: Blackwell, 2005.

CONSOLO LANGHER, Sebastiana. **Agathocle. Da capoparte a monarca fondatore di un regno tra Cartgagine e i Diadochi**. Messina: Pelorias, 2000.

GREEN, Peter. **Alexander of Macedon, 356-323 B.C.: a historical biography**. Berkeley and Los Angeles: The University of California Press, 1992.

GREEN, Peter. **The Hellenistic Age: a Short History**. New York: Modern Library, 2008.

GRIFFITH, G. T. **The Mercenaries of the Hellenistic World**. Chicago: Ares, 1935.

GRUEN, Erich S. "The Coronation of the Diadochoi". In: EADIE, John William e OBER, Josiah (orgs.) **Essays in honour of Chester G. Starr**. New York/London: Routledge, 1985.

HORNBLOWER, Jane. **Hieronymus of Cardia**. Oxford: The Oxford University Press, 1981.

LANE FOX, Robin. **Alexander the Great** (New York: E P Dutton, 1974.

MEISTER, K. Agathocles. In: WALBANK, F.W.; ASTIN, A.E. **The Cambridge Ancient History**. Vol. 7 (1). Cambridge, UK: University Press, 1984. p. 384-411.

PARKE, Howard W. **Greek Mercenaries Soldiers**. Chicago: Ares, 1933.

SANT'ANNA, Henrique M. **Alexandre Magno - a paixão da guerra**. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2011.

SHIPLEY, Graham. **The Greek World after Alexander, 323-30 BC**. London and New York: Routledge, 2000.

TARN, William W. **Hellenistic Military and Naval Developments**. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 1930.

TRUNDLE, Matthew. Greek Mercenaries from the Late Archaic Period to Alexander**. London & New York: Routledge, 2004.**

WALBANK, Frank W. **The Hellenistic world**. Brighton, Sussex: Harvester Press; Atlantic Highlands, N.J.: Humanities Press, 1981.

ZAMBON, Efrem. **Tradition and Innovation: Sicily between Hellenism and Rome**. Stuttgart: Fraz Steiner Verlag, 2008.

Artigo recebido em 30/04/2012, aceito para publicação em 04/11/2012 e publicado em 20/12/2012.